Caroline Veloso

Para relacionar o texto de Jeanne Gagnebin sobre o método desviante a esta aula, pensei em começar com uma aproximação entre filosofia e literatura. Como a autora propõe, o método desviante poderia ser aplicado em outras disciplinas além da filosofia, e parece fácil fazer a aproximação desta com a literatura, nem que seja partindo da acusação, mencionada no texto em relação à filosofia, de ser "uma coisa de cuja utilidade sempre se duvidou".

Por acaso estamos agora no prédio de filosofia e ciências sociais, e há uma pichação em uma das paredes externas deste prédio, onde se lê: filosofia > resto; pichação que parece uma crítica a este lugar marginal ocupado pela filosofia, ou atribuído a ela. Mas pode ser que se trate justamente de ver certa marginalidade como potência - ou, no caso, como superioridade, o que inverte a lógica classificatória sem subvertê-la, sem desmontá-la.[[1]](#footnote-1)

Tendo em mente este lugar marginal(izado), mas também facilmente idealizável ou romantizável das duas disciplinas, pensando na possibilidade de aplicar um mesmo método ao ensino de filosofia e literatura, a questão primeira parece ser: qual é a diferença entre “o que se ensina em uma aula de filosofia?” e “o que se ensina em uma aula de literatura?”.

Nos dois casos, além de um repertório específico de referências, textos, autores, um elemento central da aula seria provavelmente "como lidar com estes materiais?". Em outras palavras, "como ler?", "como interpretar?", "como pensar?", “como se posicionar?”. Isto é, nos dois casos – talvez em qualquer caso, em qualquer situação de ensino (?) – se trabalha sempre com um *fazer*, e parte do conteúdo ensinado é, inevitavelmente, a forma de abordar o conteúdo, a metodologia de interpretação.

A palavra método, do grego methodos, significa caminho. "Um caminho para chegar a algum lugar", é um complemento que aparece em alguns dos sites que definem o termo. Na definição de Rebecca Solnit, “um caminho é uma interpretação prévia da melhor maneira de percorrer a paisagem”. Supostamente, então, um caminho pressupõe um destino já conhecido de início, um objetivo, em oposição à possibilidade de que caminhar à deriva seja um processo desejável por si próprio, ou, mais do que isso, uma estratégia, um objetivo buscado.

Um método de desvio e deriva, então, envolveria “não temer os desvios, não temer a errância”, “aguentar a angústia”, como propõe Gagnebin, em busca daquilo que se aprende justamente ao estar perdido e precisar reinventar o trajeto ao esbarrar com o impasse, com a novidade - sendo o momento de não saber uma parte necessária do percurso.

1. Um comentário em tom de piada que talvez não tenha relevância para a discussão: descobri por acaso o texto publicado em um site chamado oficina de filosofia, e um dos comentários na postagem, escrito por Alcides Ferreira, diz o seguinte: “Anárquico esse texto. Barthes diz que a metodologia é ficção. Esse texto serve pelo menos pro curso de Letras, isto é, se não quisermos questionar o papel das ciências humanas de uma maneira geral. Abaixo a hermêneutica, viva a erótica!”. [↑](#footnote-ref-1)